

PMDB ainda espera definições a curto prazo para a economia

por Valério Fabris
de Brasília

Aos pemedebistas que se sentiram insatisfeitos com as explicações do ministro da Fazenda, Dilson Funaro, sobre as providências de curto prazo para debelar a recessão, o líder do partido no Senado, Fernando Henrique Cardoso (SP), recomenda que não se precipitem em críticas ao governo. Ele imagina que está sendo preparado um elenco de medidas, o qual o ministro Funaro não podia antecipar na reunião com o PMDB, promovida na última quinta-feira.

E o que supõe também o deputado Miro Teixeira (RJ), vice-líder do PMDB na Câmara Federal. "O ministro da Fazenda não mencionou as ações de curto prazo porque não podia falar", afirmou Miro Teixeira a este jornal na última sexta-feira. Fernando Henrique e Miro Teixeira argumentam, no entanto, que se o governo não equacionar os problemas mais imediatos (redução dos juros, garantia de salários reais e preços sob controle), estará convulsionando a área política.

"O prazo é de noventa dias", disse Miro Teixeira ao pressagiar a persistência da indefinição na área econômica que contém o grave risco de uma forte crise no relacionamento entre o PMDB e o Planalto. "É preciso que agora nos entremos com o governo em torno de metas. Não há espaço concedido. Ou o partido luta por seu espaço ou não o terá", contrapôs o vice-líder na Câmara dos Deputados.

O deputado Maurílio Ferreira Lima (PE) diz que não vê sinais indicativos de uma pronta recuperação da economia porque o governo está "inteiramente desarticulado". Ferreira Lima — tido como integrante da esquerda pemedebista e que evolui, circunstancialmente, para os blocos do PT ou do PC do B — considera inexorável que o seu partido deixe de apoiar o presidente Sarney. A partir do depoimento do ministro Funaro à bancada do PMDB, na quinta-feira, Ferreira Lima depreendeu que ficou patente a ausência de uma estratégia de curto prazo para estabilizar a economia.

SEM OPCÃO

Miro Teixeira, um político moderado mas que na Constituinte tem atuado ao lado das forças qualificadas como progressistas — diz que, se abandonado pelo PMDB, neste momento, o presidente Sarney não terá outra opção a não ser inclinar-se para uma composição com a "direita". Fernando Henrique Cardoso, por sua vez, acha que os pemedebistas não podem incorrer no erro da precipitação.



Miro Teixeira

tação. Um erro, aliás, como ele mesmo confessa, que cometeu às vésperas do Plano Cruzado, quando em uma longa entrevista antevia o inevitável rompimento do PMDB em relação a Sarney.

E inegável, como aviam unanimemente o senador Fernando Henrique Cardoso e os deputados Miro Teixeira e Ferreira Lima, que a reunião de quinta-feira ensejou uma "aproximação" do ministro Funaro com o PMDB. Maurílio Ferreira Lima diagnostica, porém, uma "aproximação efêmera", pressupondo que a continuidade da alegada crise na economia empurrará o PMDB para a oposição a Sarney. Miro Teixeira e Fernando Henrique Cardoso acham, contudo, que o evento da quinta-feira passada desponta como o "começo" de uma sólida interação entre o partido e o ministro da Fazenda, recompondo-se assim o principal canal de comunicação entre o PMDB e o Planalto.

Funaro teve do PMDB, na quinta-feira, uma calorosa recepção, ainda que longe do clima esfuziante do Senado, em março de 1986, fez no Congresso Nacional a longa explanação sobre o Plano Cruzado. Funaro havia sido então prolongadamente aplaudido de pé. No encontro com a bancada do PMDB, o ministro chegou sob comedidos aplausos, que se repetiram, com maior intensidade, ao fim do seu depoimento. De uma dúzia de 48 inscritos que conseguiu fazer perguntas ao ministro, três parlamentares lhe deram público apoio (os senadores Affonso Camargo, do Paraná, e Nélson Wedekin, de Santa Catarina, além do deputado Irajá Rodrigues).

MAIOR CLAREZA

Três manifestaram confiança no ministro, embora solicitando de Funaro maior clareza na política econômica — João Agripino (PB), Genebaldo Correia (BA) e Bernardo Cabral (PA). Outros quatro limitaram-se a perguntas específicas — Luiz Roberto Ponte (RS), Nilson Gibson (PE), Percival Muniz

(MT) e Benedito Monteiro (PA). A única hostilidade verbal partiu do senador Ronan Tito (MG), que pediu a substituição do ministro Funaro e de sua equipe.

O tom predominante, contudo, foi dado ao final do encontro com as considerações do senador Affonso Camargo. Ele falou do "carisma" de Funaro, mas cobrou que o usasse melhor. "O PMDB tem muita dificuldade de trabalhar longe da opinião pública, senhor ministro. Empanturre a opinião pública de verdades". De modo incisivo, Affonso Camargo disse que o PMDB confere o mais pleno apoio ao "gabinete Funaro". O ministro respondeu que acolheria o "conselho" e iria à televisão para falar à população brasileira.

Da cúpula do partido (representada pelo presidente do PMDB, deputado Ulys-

ses Guimarães-SP, pelo líder na Câmara, deputado Luís Henrique-SC, e pelo líder na Constituinte, senador Mário Covas-SP), Funaro contou com um público respaldo. O senador Dirceu Carneiro (SC), integrante do bloco da esquerda no Congresso, sintetizava, na última sexta-feira, o sentido político do encontro. "Estávamos, o PMDB e o ministro, inexplicavelmente distantes. A nossa convivência mais estreita poderá produzir bons resultados. É preciso que tenhamos, da reunião de quinta, desdobramentos no cotidiano da vida do País." Dirceu Carneiro acha que as explicações de Funaro foram insuficientes porque situadas "no plano das intenções". Contrapõe, no entanto, que o panorama fica menos nebuloso quando Funaro se aproxima mais do partido.